ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO NA VIDA DE LAMPIÃO: UMA ANÁLISE DA OBRA *LAMPIÃO NA CABEÇA,* DE LUCIANA SANDRONI

BETWEEN REALITY AND FICTION IN LAMPIÃO LIFE: AN ANALYSIS OF THE WORK *LAMPIÃO IN THE HEAD* OF LUCIANA SANDRONI

Marcos Falco de Lima[1]

Célia Regina Delácio Fernandes[2]

RESUMO: O objetivo deste artigo é fazer uma análise da obra *Lampião na Cabeça*, de Luciana Sandroni (2010), a partir de pressupostos teóricos que abrangem a escrita biográfica. Assim, ao associar fatos reais ocorridos na vida de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, com a ficção criada em torno da personagem "Helena Marconi", Sandroni produz uma obra leve, de leitura acessível e agradável, mas ao mesmo tempo com qualidade técnica e maturidade literária.A obra compõe o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola– PNBE/2013, para a II Etapa do Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Lampião. ficção. realidade. metalinguagem. personagem.

Uma breve introdução

Virgulino Ferreira da Silva é considerado o bandido brasileiro mais conhecido do século XX. O "Robin Wood nordestino" foi, pela sua trajetória polêmica de herói e bandido, personagem de inúmeros livros. Sua vida foi retratada, tanto de forma biográfica, uma vez que se trata de um personagem histórico, quanto ficcional. Assim, a obra *Lampião na Cabeça* de Luciana Sandroni , publicada em 2010 pela editora Rocco, traz, numa linguagem simples, um bom exemplo sobre a biografia de Lampião e de forma criativa faz uma excelente fusão entre realidade e ficção.

A obra foi escolhida como objeto de análise deste artigo pela sua temática e pela forma com que aborda a realidade, traduzindo fatos reais em texto ficcional e também por pertencer ao conjunto de obras selecionadas pelo Programa Nacional Biblioteca daEscola PNBE – 2013.

Desse modo, a representação da leitura e da escrita em *Lampião na Cabeça* será o ponto de partida para mergulhar na análise entre realidade e ficção, pois a narradora personagem Helena fará

[1] Mestre em Literatura pela Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD. Professor da rede Estadual d e Ensino de MS. Email: marcos_falchi2@hotmail.com

[2]Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora do Programa de Mestrado em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Email: celiafernandes@ufgd.edu.br

uma longa viagem pelo mundo da escrita e da leitura sobre a vida do cangaceiro Lampião.Ao apropriar-se de outras biografias, a autora dá voz a sua personagem Helena – uma escritora de biografias – que vive um dilema entre biografar o cangaceiro e conviver com sua presença em seu apartamento (fruto da sua imaginação). Sua aparição tem o propósito de tencionar a personagem escritora a garantir autenticidade e veracidade do que está sendo escrito.

Nesse ensejo, nossa proposta de análise se fundamenta na sobrevida do personagem Lampião elaborada em dois planos: no anacronismo invertido – ao migrar do passado para presente – e na transposição do plano biográfico e histórico para o plano ficcional (romance histórico), haja vista que o enredo do romance está ancorado na trajetória história e polêmica do cangaceiro Lampião.

***Lampião na Cabeça*: enredo e técnica narrativa**

A obra se inicia com a personagem Helena desesperada e acuada, pois Lampião está com uma arma apontada para sua cabeça, exigindo a produção da sua biografia. Interessante observar que a própria personagem duvida da presença do Governador do Sertão em sua casa, mas revela vê-lo claramente a sua frente:

> Mas o que o Lampião estaria fazendo aqui na minha casa?! Na minha cozinha?! É imaginação minha. Só pode ser. Quantas vezes tenho que repetir: Lampião e Maria Bonita morreram na Grota do Angicos, no estado do Sergipe, divisa com Alagoas no dia 28 de junho de 1938, e depois foram degolados e suas cabeças mandadas para... (SANDRONI, 2011, p. 13).

Tudo leva a crer que a presença do cangaceiro em sua casa é o resultado da obsessão da personagem Helena por ele e da necessidade de escrever um livro de ficção para crianças e adolescentes encomendado por sua editora sobre a biografia de Lampião. Não conseguindo pensar em outra coisa que não seja na biografia do homem, em seguida ele se apresenta em carne e osso exigindo: "A senhora vai escrever ou vai carecer de eu apertar o gatilho?! Tremi feito vara verde: o homem era real! Ele falava! Escrever?! Mas escrever o que?! A minha história diacho! [...] A senhora é escrevedora ou não é?" (SANDRONI, 2011, p. 14).

A autora Luciana Sandroni, de forma bastante descontraída e até satirizada, funde a história de Lampião com a criação da sua personagem Helena. Entretanto, quando o cangaceiro ressuscita como personagem do presente, seu caráter histórico vira ficção. Desse modo, a fusão entre realidade e ficção, em que se mesclam informações verídicas com a imaginação por meioda criação artística, é uma vertente contumaz da literatura contemporânea, sobretudo em relação às biografias, autobiografias e autoficção.

História e ficção não são coisas antagônicas, pelo contrário, uma está dentro da outra, de modo que as lacunas deixadas pela historiografia podem ser preenchidas pela ficção. Em seu trabalho sobre a metaficção historiográfica, *Poética do Pós-Modernismo*: história, poesia, ficção, Linda Hutcheon(1991) salienta:

> [...] as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas formas têm em comum do que em suas diferenças. Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos lingüísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. Mas esses também são os ensinamentos implícitos da metaficção historiográfica. (HUTCHEON, 1991, p. 141).

A despeito de o texto histórico estar relacionado a um fato real ocorrido, sua interpretação se condiciona a um discurso presente. Neste movimento anacrônico do passado o real sofre interferência com implicações ideológicas, comportamentais e culturais que muito se assemelha ao que ocorre no texto ficcional. "O real existe (e existiu), mas nossa compreensão a seu respeito é sempre condicionada pelos discursos, por nossas diferentes maneiras de falar sobre ele". (HUTCHEON, 1991, p. 202).

Como se pode perceber, o diálogo de Sandroni com esta vertente pós-moderna da literatura é bastante contundente. Ela explora com maestria o contexto histórico da vida de Lampião por meio de um texto ficcional sem ser prolixa nem dificultar a compreensão dos seus pequenos leitores.

Outro aspecto que se destaca na obra de Sandroni tem relação com o que Eneida Maria de Souza chama atenção no seu ensaio *A Biografia* – um bem de arquivo (2011), pois a autora põe em pauta o que muitos estudiosos e críticos literários desprezam que é o "exame de fontes primárias" e o interesse pelos bastidores da criação.

> A recusa em se deter no processo construtivo como resultado do trabalho do autor se justifica por ele ter sido entidade incômoda para a crítica, que pouca importância conferia ao contexto histórico das obras. É significativa esta retomada crítica da figura do autor, seu retorno por meio de traços e resíduos, da assinatura, abolindo-se o procedimento de recalque como produto do pacto ficcional com a escrita de modo asséptico e distanciado(SOUZA, 2011, p. 39).

Como se vê*, Lampião na Cabeça* vai ao encontro da abordagem de Souza por se tratar de uma obra composta por fragmentos, rascunhos e manuscritos. É uma referência que a pesquisadora

vai fazer aos chamados "prototextos"[3], construção literária formada a partir de manuscritos e rascunhos.

O romance histórico também tem sido bastante explorado pelos contemporâneos e Sandroni faz bom uso desta vertente. No entanto, é comum o escritor revisitar o passado e recontá-lo de forma a questionar a versão oficial e buscar nos interstícios da história ouvir o eco e o balbucio daqueles que foram amordaçados pelo poder dominante. Isto posto, a autora – por meio da sua personagem escritora – não volta ao passado, mas o traz para o presente por intermédio do personagem Lampião, como se o seu espírito viesse exigir a sua versão da história e não de terceiros.

Esta objetivação anacrônica ao contrário[4] se justifica, pois grande parte das versões biográficas sobre Lampião é feita com o objetivo de tirar o mérito da sua coragem e ousadia numa época em que a lei era a "do mais forte" e quem mandavam eram os "coronéis". Assim, descrevê-lo como um bandido sanguinário, tirano e cruel, que vivia de roubar e fazer acordos com a polícia e até com os fazendeiros sem considerar o contexto sócio-econômico e político da época é uma forma de privá-lo do direito de dar a sua versão dos fatos. Com efeito, voltando à narradora Helena Marconi, ela vai passar por uma crise e por um momento de intensa desilusão, quando passa a ler autores com esta vertente pessimista em relação ao cangaceiro. Ao cair por terra a construção mental e até idealizada daquele herói, cuja biografia está sendo escrita, sua lua de mel com o cangaceiro se acaba e ele some por um período.

> Li o livro do Chandler todo de uma vez. Depois li Nertan Macedo, Rui Facó, Frederico Pernanbucano de Mello, Aglae Lima de Oliveira, uma leitura normal sem anotar nada. Foram alguns dias de leitura sem descanso e aí minha lua de mel com Virgulino acabou. Lampião não era herói que eu imaginava, ao contrário, era um homem cruel, perverso, sanguinário, assustador." (SANDRONI, 2011, p. 38).

As pesquisas feitas por Luciana Sandroni, através da sua personagem Helena Marconi, e a participação fictícia do biografado vão ser importantes para que a autora consiga caracterizar e formar um conjunto narrativo para além da versão oficial, passando a contemplar o simples e o cotidiano. Deste modo, dentre as particularidades da crítica biográfica enumeradas por Eneida Maria de Souza (2007), uma delas seria "a caracterização da biografia como *biografema* (Roland Barthes), conceito que corresponde pela construção de uma imagem fragmentária do sujeito, uma vez que não se acredita mais no estereótipo da totalidade..." (SOUZA, 2007 p. 106). Ainda de

[3] Philippe Willemart publica em 1984 *O Manuscrito em Gustave Flaubert*: transcriça□ o, classificaça□ o e interpretaça□ o do prototexto. O autor é livre docente da USP – Universidade de São Paulo e pioneiro nos estudos sobre crítica genética.

[4] É interessante observar que o passado (Lampião do início do século XX) vem para o Rio de Janeiro de 2010 e faz suas observações sobre o presente. O passado se mistura ao presente em outro contexto histórico.

acordo com Eneida o que se pode observar na obra de Sandroni é a "desconstrução dos cânones oficiais proporcionado pela construção teórico-ficcional de encontros imaginários entre escritores que nunca se viram" (SOUZA, 2007, p.112). No caso de Sandroni, o encontro imaginário ficou por conta da personagem narradora Helena Marconi e Virgulino, o Lampião.

Este encontro entre o imaginário e o real provoca um efeito de mão dupla, pois tanto a imaginação pode se agregar à experiência quanto à experiência vivida pode se metaforizar no texto ficcional. Movimento fundamental para a construção de biografias elaboradas sob o amparo da crítica biográfica contemporânea, conforme salienta Souza (2007, p.113):

> Os fatos da experiência, ao serem interpretados como metáfora e como componentes importantes para a construção de biografias, se integram ao texto ficcional sob a forma de uma representação do vivido. Os grandes temas existenciais da literatura como cegueira, o suicídio, a morte, o amor, guardam sua natureza ficcional e se espraiam na página aberta do espaço textual e nos interstícios criados pelo jogo ambivalente da arte e do referente biográfico. Ao se considerar a vida como texto e as suas personagens como figurantes deste cenário de representação, o exercício da crítica biográfica irá certamente responder pela necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção.

Vale ressaltar também a experiência de fundir ficção com realidade, por meio de um processo metalinguístico em que a personagem narra a história de Virgulino sem necessariamente narrar. Enquanto ela atualiza o leitor sobre as dificuldades de biografar, a vida de Lampião vai se biografando. A trajetória do "herói" do sertão se revela sem necessariamente se revelar, pois a personagem precisa escrever um livro sobre a vida dele e após um ano de pesquisas – tempo estipulado pela editora para a redação do livro – ela não tem uma única linha escrita. Sob uma enorme pressão de todos a sua volta, inclusive do próprio Lampião, ela se vê numa situação extremamente delicada como personagem, mas realizada como escritora, já que a obra vai acontecendo.

Enfim, o conjunto de circunstâncias colocadas no processo de elaboração da obra é formado por características relacionadas à metaficção historiográfica. Primeiro por refletir sobre o próprio processo de elaboração artística e depois por questionar os fatos históricose colocá-los sob julgamento diante de um novo olhar investigativo.

A leveza biográfica e as influências na obra de Sandroni

Não há como falar das características e do estilo literário de Luciana Sandroni sem mencionar a influência recebida da produção lobatiana. Desde a infância, sua mãe, Laura Sandroni, leitora apaixonada por Monteiro Lobato, passou este gosto para a filha e ao entrar na Faculdade de

Letras da PUC do Rio buscou se aprofundar mais sobre a sua obra. Em sua dissertação de mestrado, investigou as memórias de infância de Lobato no processo de criação de autores e ilustradores da literatura infantil e juvenil. Este e outros fatos importantes da vida do autor acabaram sendo o ponto de partida para a escrita do livro *Minhas Memórias de Lobato* (1997):

> Eu fiquei muito tempo pensando como fazer uma biografia do Lobato para crianças e eu não queria fazer uma biografia só com fatos e datas, queria trabalhar com ficção; e aí, relendo o Memórias da Emília, eu tive a idéia de fazer a Emília e o Visconde escrevendo as memórias do próprio autor. O próprio Lobato comentava muito que a Emília era quem dava as idéias para ele escrever. Ele acreditava nessa independência dos personagens, e eu também embarquei nessa idéia. No final da minha pesquisa, descobri que ele realmente pensava em fazer as suas memórias e quem escreveria seria o Visconde[5].

A autora ainda acrescenta que o humor, a crítica e o sarcasmo em relação aos problemas sociais - tão típicos na obra de Lobato - são características que também a aproximam do autor, como ela mesma diz; "as tiradas da Emília, da Tia Nastácia, da Narizinho são muito boas. É claro que a imaginação e as críticas que ele faz à sociedade são também um ponto forte no texto, mas o fato de ele não cair na lição e muito menos no tom piegas e tomar sempre o caminho do humor é o que eu mais admiro nele". Assim, o resultado desta paixão por Lobato foi a publicação da obra *Minhas Memórias de Lobato* em 1997 pela Companhia das Letrinhas e a conquista do Prêmio Ofélia Fontes, da FNLIJ, em 1997, e do Prêmio Jabuti em 1998.[6]

Essa rápida passagem pela gênese artística da autora colabora na análise proposta em relação à obra *Lampião na Cabeça* publicada em 2010 – treze anos depois -, pois a forma de biografar a vida de Virgulino da Silva muito se assemelhou à técnica utilizada para biografar Monteiro Lobato em 1997.

Enquanto em Lobato sua vida é traçada na descrição de seus próprios personagens, ou seja, a ficção é convidada para recontar a vida de seu autor, a biografia de Lampião tem ficcionalmente a contribuição do próprio biografado ao opinar sobre fotos, fatos da sua vida e comentar sobre as pesquisa feitas pela personagem Helena. A própria Helena toma as rédeas de condução da obra em nome da autora Luciana Sandroni. Há de se reconhecer neste sentido, semelhanças da sua composição com os princípios que regem a biografia contemporânea ao ficcionalizara autoria da biografia por meio de um personagem criado para isso. Ao proceder desta maneira a autora [...]

[5] Entrevista com Luciana Sandroni. Entrevista concedida ao site Construir notícias. Disponível em < http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=14758> Acesso em 05 de junho de 2016.

[6] Prêmio Jabuti. Disponível em<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=40054> Acesso em 19 de maio de 2016.

"não se deixar seduzir pelas poeiras de arquivo, pela tentação da observação microscópica [...] não atribuindo tanto peso no registro do fato" (SOUZA, 2007, p. 108).

Não é a autora que escolhe o método de produção, mas os próprios personagens em franco debate, o qual depois de uma longa discussão sobre o verdadeiro motivo da sua morte- se foi metralhado ou envenenado -, e, após exigir que Helena começasse logo a digitar, ambos discutem sobre o processo de composição:

> Espera aí, a gente vai começar com sua morte? Não vai ficar um pouco confuso? Arre, hoje em dia vale tudo: o começo fica no meio, o meio fica no fim e o final no começo, num sabe? Pra mode o leitor trabalhar um pouquinho também, visse? Esse povo quer tudo de mão beijada. Como é que é? Desde quando lampião entende de leitor?! Agora esse cangaceiro também é um cabra da peste em teoria da recepção?! (SANDRONI, 2010, p.55).

Como se pode perceber, o processo metaficcional e metalinguístico da produção de Sandroni dialoga, portanto, com a vertente contemporânea de composição biográfica, conforme dito anteriormente. Além disso, o discurso utilizado pela autora é bastante didático, organizado em dois métodos bem distintos: quando a personagem mantém diálogo com outros personagens que fazem parte do seu mundo real, isto é, quando não são produtos da sua imaginação, a autora utiliza o discurso direto; quando o diálogo se dá com o personagem biografado, fruto da sua fantasia ou imaginação ela utiliza um método narrativo sem pontuação tradicional nem interrupção com parágrafo e travessão.

Por exemplo, quando, após uma longa discussão com Lampião sobre os motivos da sua morte e o medo de novamente cair em uma emboscada e ele desaparecer como em um passo de mágica, Maria, a diarista da protagonista, chega e coloca a narrativa em um outro plano, ou seja, sai do plano do imaginário (com uma narrativa próximo a de José Saramago, com diálogos sem travessão e verbo *discendi)* e passa para uma narrativa em discurso direto com uso tradicional das pontuações. Veja a diferença nos fragmentos a seguir: no fragmento 01 nota-se o discurso em fluxo de consciência sem um método fixo de pontuação, enquanto no fragmento 02 observa-se o discurso direto com a utilização do método tradicional:

> Fragmento 01 – O senhor aceita um café? Lampião fez que sim com a cabeça: mas beba a senhora primeiro. Bebi e dei a xícara para ele: Hum, tá bom que só a peste...Assim que eu gosto de café, bem forte e bem quente. Eu pedi pra senhora tomar primeiro porque, depois que morri envenenado, fiquei com o pé atrás com tudo que me é oferecido. Ué, mas o senhor não morreu envenenado, o senhor foi metralhado. Arre, essa é boa!...(SANDRONI, 2010, p. 52).
>
> Fragmento 02 –
> - Aconteceu alguma coisa dona Helena? – perguntou estranhando aquele abraço infinito e sufocado. – A senhora está passando bem?
> Fechei a porta e a puxei para a cozinha.

> - Não é que... Eu sei que você não vai acreditar, Maria, mas, aconteceu uma coisa maluca hoje. Uma pessoa apareceu aqui...
> - Quem foi? O Lampião? E como é que ele tá passando?
> Não entendi nada. Como a Maria sabia que era o Lampião?
> - Uéʔ! Como é que você sabe? Você viu ele por aí?
> Maria largou o pão na mesa, com a maior calma, e comentou fazendo pouco da minha aflição.
> -Ah, eu quero é novidade, dona Helena. A senhora tá sempre almoçando com o Drummond, jantando com o Villa Lobos e agora foi o que com Lampião? Café da manhã? (SANDRONI, 2010, p. 62).

Ambas as formas de narrar são constantes na obra, mudando todas as vezes que Lampião aparece para a escritora Helena, única personagem da obra para quem ele aparece e com quem ele dialoga.Enfim, o que perdura em todo o processo de construção da narrativa é o diálogo entre os personagens sobre o que e como escrever. Dele resulta o conteúdo da obra que é feita com ingredientes de uma técnica criativa, contemporânea e aliada às prerrogativas exigidas pelo programa governamental de distribuição de livros pelo qual a obra foi selecionada, tanto em relação ao conteúdo, quanto ao público alvo de crianças e adolescentes.

Autor/Leitor: entre a realidade e a ficção

O fato que dá origem à narrativa tem relação com o trabalho da escritora Helena, pois ela é contratada por uma editora para compor biografias por encomenda. A encomenda em pauta, portanto, seria a composição biográfica da vida de Virgulino Ferreira da Silva, direcionada para o público infantojuvenil. Assim, a personagemescritora e também pesquisadora Helena procura ter contato com jovens estudantes para saber o que os tem motivado para a leitura. Após visita nas escolas ela se corresponde por *e-mail* com os alunos, haja vista ser grande a expectativa sobre a publicação da biografia do Lampião escrita por Marconi.

Ela divide as expectativas da composição da obra com os leitores em dois momentos, separados em blocos de *e-mails* recebidos de seus leitores. No primeiro, vive a empolgação da pesquisa - entusiasmada com a possibilidade de biografar o cangaceiro mais conhecido do sertão - ; no segundo sofre as consequentes frustrações causadas pelas suas descobertas – após ter contatos com obras que desmitificam a sua visão ufanista e idealizada do cangaceiro. Neste segundo bloco, a autora mantém correspondência com leitores do Nordeste.

Uma das leitoras de Helena lhe manda um *e-mail* com o seguinte teor:

> Querida Helena, Como vai? Meu nome é Luiza, aluna do colégio apoio aqui da Casa Amarela, bairro do Recife, e tenho 10 anos. Sou sua leitora e já li todos os seus livros e o que eu mais gostei foi o do Drummond. Eu achei a sua ideia muito engraçada de fazer a estátua do Drummond tomando vida e saindo do calçadão de Copacabana e passeando

> pela cidade. E todo mundo achou que a estátua tinha sido roubada! Minha professora me disse que o seu próximo livro é sobre o Lampião e eu fiquei super curiosa porque aqui no colégio a gente já apresentou a dança da Maria Bonita e foi muito legal. Isso era uma coisa que eu queria saber: quando as mulheres entraram na vida de Lampião? E o que elas faziam? Elas lutavam ou elas cozinhavam? Lampião e Maria Bonita tiveram filhos? Eu queria se cangaceira que nem a Maria Bonita. Estou te mandando uma foto minha de Maria Bonita. Tudo de Bom para você! Luiza. (SANDRONI, 2010, p.76).

O interesse pelos livros da autora e a demonstração de maturidade em relação às suas obras, mesmo para uma criança de dez anos, é um bom exemplo de mediação de leitura que a escritora protagonista, juntamente com sua professora, exerceu na vida desta aluna. As personagens de papel e tinta muito se assemelham às de carne e osso. Assim como os alunos fizeram com a escritora Helena, é factível também que os mediadores de leitura de carne e osso se apropriem destas experiências da ficção e planejem situações que possam ocorrer em sala de aula.

Isso pode ser feito em forma de projeto em que a produção escrita se dê após o resultado de pesquisas realizadas sobre personagens que tenham incidência na vida local ou que interessem os alunos. Ao tomar conhecimento do processo de criação de Sandroni, o mediador de leitura poderá utilizá-lo na formação de novos leitores. Tal metodologia exige "uma riqueza de repertório por parte do mediador, implica familiaridade com diversos tipos de textos. Sendo assim, a aprendizagem só ocorre quando há interação da criança com um leitor experiente." (FERNANDES, 2011. p. 330). Ademais, instigar a criatividade dos leitores e levá-los a se imaginar em contato direto com os autores ou autoras das obras lidas, por meio de *e-mails*, cartas, entrevistas pode ser uma boa estratégia de mediação de leitura.

Nesse sentido, considerando a intrínseca participação dos leitores na produção da obra, os aspectos de autoria se ofuscam e até "*morrem*" [7] com a participação e até intromissão de diversos outros personagens, como a diarista Maria, Vítor, o vizinho da protagonista e a vendedora de seguros. Com efeito, por meio da participação destes personagens, a narrativa vai se construindo. Quanto à participação dos alunos, é interessante que são para eles mesmos que a obra está sendo feita. Não é por menos que foi escolhida como parte do acervo do PNBE - 2013. Enfim, Sandroni rompe com o modelo tradicional de produção literária, "diluindo contornos pré-fixados e desconstruindo modelos prévios" de produção (HOISEL, 2001, p. 75) em que os conceitos de verdade e os traços de construção narrativa eram mérito exclusivo de autoria.

[7] *BARTHES. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault.* A morte do Autor (Barthes, 1968) [...] tanto o autor quanto o leitor são produtores do texto, ambos são 'escritores', mas, para que aconteça o 'nascimento do leitor' deverá ocorrer *'A morte do autor'*. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/3042/2585> Acesso em 19 de maio de 2016.

> Neste flanco aberto pela arqueologia das ciências, da "episteme", os limiares críticos são demarcações traçadas pelo intérprete/leitor e é a ele que cabe redimensionar e redistribuir os acontecimentos, instalar e deslocar fronteiras [...]. É o olhar móvel do observador/interprete que institui o saber móvel (ou a mobilidade dos saberes) que dilui contornos pré-fixados e desconstrói modelos prévios (HOISEL, 2001, p. 75).

Seguindo o raciocínio de Hoisel, a personagem e escritora de Sandroni, ao responder o *e-mail* dos alunos, vai metalinguisticamente[8] construindo a obra e fazendo relatos da vida de Lampião. Esta técnica se intensifica no momento em que necessita contar fatos violentos para crianças sem chocá-las nem provocar traumas, já que muitos acontecimentos em torno da vida de Lampião envolveram violência, tortura e morte, inclusive a do próprio Lampião e de vários companheiros que foram mortos e degolados:

> Helena Marconi,
> Tudo bem/ Meu nome é Luiz Guilherme e estudo no Colégio Uirapuru aqui de Sorocaba. Li o seu livro sobre o Noel Rosa e achei bem legal e olha que isso é difícil porque a maioria dos livros que eu li eu odiei. O seu foi o primeiro que gostei apesar dele ser um pouco grande. Meu professor disse que o seu próximo livro é sobre Lampião e eu adoro ele. Meu avô é de Pernambuco e sempre me conta as histórias dele. Meu avô disse que depois que Lampião morreu cortaram a cabeça dele e depois mandaram para um museu. Mas como é que pode? Isso é verdade? Por que eles fizeram isso? Bom, espero ler o seu livro logo! Um beijo, Luiz Guilherme. (SANDRONI, 2010, p.78).

O processo de composição da obra se dá sob uma relação franca e aberta com o leitor: "Puxa, que bacana! O primeiro livro de que ele gostou foi meu! Essa mensagem também não parece feitiço. Mas como falar de um assunto tão violento, tão medonho com uma criança? Vamos tentar:" (SANDRONI, 2010, p.79). Apesar de não entrar em detalhes, se ele estava vivo ou morto quando foi degolado ou o barulho da faca cortando as carnes e os nervos do pescoço dos cangaceiros, a autora é "direta", conta tudo: como e por que eles cortaram, embalsamaram e expuseram as cabeças de Lampião, Maria Bonita, Corisco e os demais cangaceiros mortos com ele, conforme ilustração [Cf. Figura 1]. Elas ficam expostas no Museu Nina Rodrigues em Salvador até serem reivindicadas pelas suas famílias para o sepultamento. E conclui o *e-mail*: "Esta história é macabra, não é mesmo? Devia ser um museu dos horrores. Mas foi o que aconteceu, infelizmente. Espero que você não tenha pesadelo com essa história. Bom, Luiz, um abraço para você e para o seu avô! Helena Marconi" (SANDRONI, 2011, p. 79 e 80).

[8] A metalinguagem é uma técnica em que a obra literária se debruça sobre si mesma. Uma avaliação mais profunda na técnica de Sandroni nos levaria à metaficção, já que ela relativiza e dramatiza as fronteiras entre a ficção e a crítica.

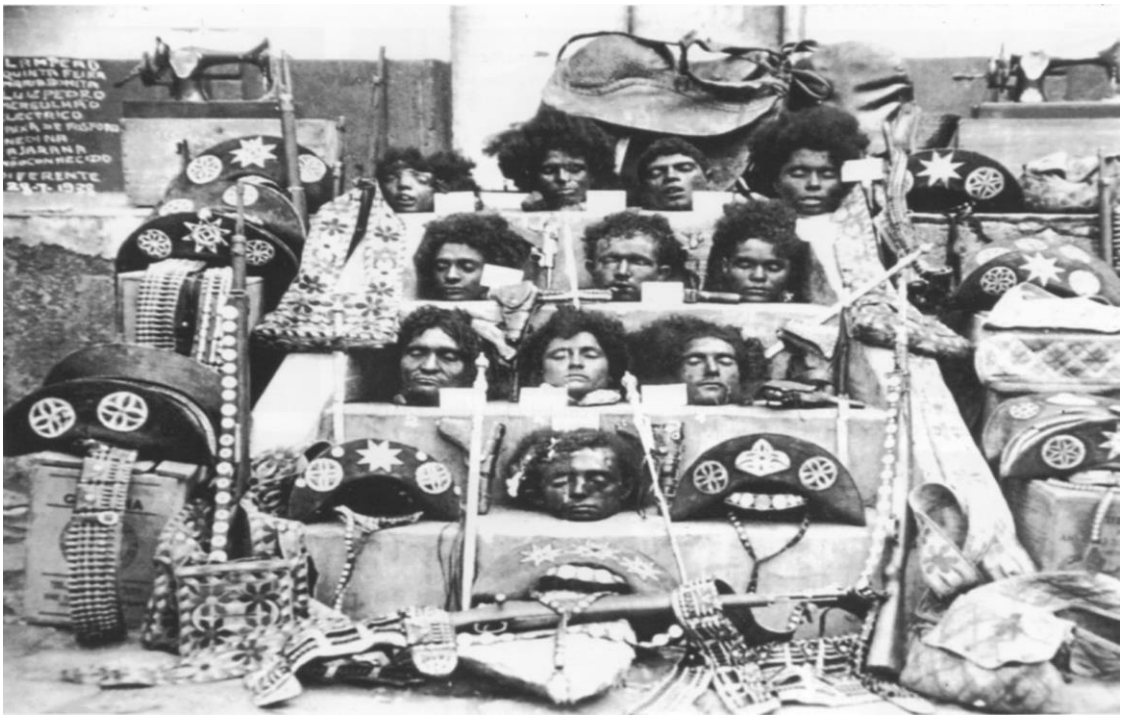

FIGURA 01 - Lampião morto ao lado de seu bando e Maria Bonita[9]
(de cima para baixo; da esquerda para a direita)1. Diferente, 2."Não identificado", 3. Cajarana, 4. Medina, 5. Caixa de Fósforo, 6. Elétrico, 7. Mergulhão, 8. Luís Pedro, 9. Maria Bonita, 10. Quinta-Feira, 11. Lampião.

É como se a obra fosse um esboço que se complementa com a participação dos leitores em seu "aspecto inacabado" como uma voz provisória do texto. Nas palavras do crítico, Oscar Wilde: "Preferir o esboço à obra acabada é dar mais chance ao possível, é prever o lugar e a importância do crítico e do expectador *e do leitor* na realização do significado da obra". (WILDE Apud MARTINS, 2000, p. 21; grifo nosso).

O último capítulo, quando ela realmente resolve escrever a biografia, se dá após uma longa e última conversa com o cangaceiro, sobre o processo de composição e a sua tentativa de convencê-la a escrever. Já era certa a desistência de produzir a biografia, quando em última tentativa se compromete a nunca mais incomodá-la se ela resolvesse biografá-lo: "Dona Helena, eu faço um

[9] LAMPIÃO E SEUS CANGACEIROS DEGOLADOS. "O bando de Lampião estava acampado na fazenda Angicos em 27 de julho de 1938, situada no sertão de Sergipe. Era um esconderijo tido como altamente seguro para o bando. Era uma noite muito chuvosa e todos estavam acampados. Por volta de 5:15h do dia 28 de julho um grupo de policiais (volante) portando metralhadoras portáteis, chegou ao local e começou a disparar rajadas de bala. A indicação de onde os cangaceiros estavam foi uma traição que até hoje se desconhece o autor. O ataque durou mais ou menos 20 minutos. Os disparos de metralhadoras foram feitos pelo tenente João Bezerra e o sargento Aniceto Rodrigues da Silva.
Dos trinta e quatro cangaceiros presentes, onze morreram ali mesmo. Lampião foi um dos primeiros a morrer (degolado). Maria Bonita estava gravemente ferida e foi degolada ainda com vida. Um dos policiais, demonstrando ódio a Lampião, desfere um golpe de coronha de fuzil na sua cabeça, deformando-a; este detalhe contribuiu para difundir a lenda de que Lampião não havia sido morto, e escapara da emboscada, tal foi a modificação causada na fisionomia do cangaceiro". Disponível em: <http://espacoeducar-liza.blogspot.com.br/2012/06/lampiao-e-seu-bando-morrem-degolados.html> Acesso em 19 de maio de 2016.

trato com a senhora: ocê escreve a minha história e eu nunca mais apareço. Eu lhe dou a minha palavra" (SANDRONI, 2011, p. 99). Assim, depois de inúmeras tentativas sem sucesso, ele perde a paciência:

> Me diga uma coisa dona Helena, por que diacho ocê não que escrever minha história? Como assim, "por quê!?" Porque você é um assassino, um facínora! Só por isso. Um cara que não faz nada, absolutamente nada para mudar a vida do povo! Você fez trato com coronel, corrompeu a polícia, matou gente a torto e a direito. Um cara que não tem nada de herói![...] oxente eu nunca disse pra senhora que eu era herói! Disse? Dona Helena eu não posso mudar a cabeça do povo. Se eles querem um herói, eles vão inventar um herói. O povo é danado de inventar histórias não é só os escritores que inventam não. Também não fui eu que inventei o sertão não, visse. A seca, a fome, a miséria, os coronéis, os cangaceiros, os cantadores, tudo isso já estava aqui muito do inventado quando eu nasci. No sertão quem mandou sempre foram os coronéis, os donos da terra. Eu num tinha as palavras pra dizer, dona Helena, eu só tinha as armas pra matar. O que a senhora queria de mim? Lá no sertão, ou você vira cangaceiro ou você vira macaco [10] diacho! (SANDRONI, 2011, p. 99).

Quando, enfim, ela tem uma ideia genial de escrever não a história do cangaceiro, mas a sua própria, ou seja, resolve escrever tudo o que ocorrera com ela nos últimos dias em relação à aparição de Virgulino na sua vida. "Tem horas que vem uma certeza na vida da gente. Tem horas que tudo fica claro. Sem mais nem menos eu tinha um livro na cabeça [...] Você me deu uma ideia! Preciso voltar para casa. Preciso correr. Vou escrever minha história... quer dizer, a sua história... Não, não... a nossa história!" (SANDRONI, 2011, p. 100). Quando ela chega em casa e começa a escrever, na verdade o livro já estava pronto, pois o final da obra nada mais é que o começo do livro que termina.

Embora este seja o final do livro, a autora, de forma criativa, reserva uma surpresa para o leitor. Como a protagonista tem a mania de conversar, jantar e passar dias com os seus biografados já mortos, nada melhor que terminar uma história começando outra. No momento em que ela senta no computador e começa a escrever a biografia de Lampião, alguém bate na porta e ela suspeita que pode ser o cangaceiro novamente. No entanto, para a surpresa de todos é o Frei Caneca. Por conseguinte, a obra termina deixando o final em aberto, pois todas as vezes que pensou em desistir de biografar Lampião, o nome que vinha a sua cabeça era o Frei Caneca, religioso e político brasileiro que participou da Revolução Pernambucana (1817) e da Confederação do Equador, movimentos republicanos que eram contra o governo português e o imperador Pedro I.

[10]MACACO. Frases de Lampião. Termo usado para se referir aos soldados da polícia na época de lampião. Veja frase do próprio Lampião ao se referir aos "macacos": "Quando cubro um macaco na mira do meu rifle, ele morre porque Deus quer; se Ele não quisesse, eu errava o alvo. Disponível em<http://www.frasesfamosas.com.br/frases-de/lampiao/>Acesso em 19 de maio de 2016.

Considerações finais

Ao dar voz aos seus personagens e transferir a eles a condução do enredo, Sandroni alarga suas possibilidades de elaboração, migrando da redação biográfica tradicional para um romance leve, criativo e agradável. O resultado desta técnica ganha peso à medida que adota para tal uma temática fundamentada em fatos históricos. Ao buscar resgatar fragmentos da biografia de um personagem histórico, fundindo ficção e realidade, Sandroni enriquece o corpo da narrativa fugindo da formalidade de textos biográficos e se eximindo de cobranças relacionadas à veracidade histórica.

O que Sandroni quer com tudo isso não é apenas inovar no seu labor literário, mas conquistar leitores em processo de formação. O fato de sua obra ter sido selecionada para o PNBE de 2013 no conjunto de obras destinadas ao público do 6º ao 9º ano não foi mera coincidênciavez que procurou adaptar o texto biográfico tornando-o mais atraente e acessível ao público alvo.

Esta estratégia de composição literária se complementa ao inverter a perspectiva temporal do biografado. Não é a personagem Helena que volta ao passado e encontra Lampião no sertão nordestino. Ela continua morando no seu apartamento em São Paulo do século XXI e quase cem anos depois, o chefe do cangaço é convidado, tanto para exigir a sua versão dos fatos, como para opinar no método de escrita da sua biografia.

Diante dessa situação, o corpo do texto vai se delineando sob a influência dos debates e discussões com o cangaceiro e das pesquisas que a personagem escritora fizera na perspectiva de escrever sua biografia. Outro elemento que chamou bastante atenção nesse processo de composição tem relação com o aspecto metalinguístico do texto, haja vista se tratar de uma obra que fala se si mesma, da sua técnica de composição e da dificuldade colocada por se tratar de uma biografia polêmica e cheia de contradições. Neste aspecto, o termo mais apropriado para o processo de elaboração literária adotada por Sandroni, ao fundir a metalinguagem com a ficção historiográfica, seria, de acordo com a escritora canadense Linda Hutcheon (1991), a metaficção historiográfica.

É importante ressaltar também sobre o artifício utilizado por Sandroni para dar vida ao personagem Lampião. Por meio da sua personagem protagonista, a escritora Helena, a autora num processo de metalinguagem constrói a narrativa transformando um personagem real em ficcional.

Enfim, a produção de Sandroni está assentada em três aspectos basilares da literatura contemporânea: na fusão entre fragmentos históricos e ficção, transformando um personagem real em ficcional; no anacronismo inverso, ao debater um tema do passado numa perspectiva do

presente e por último, no aspecto metaficcional, ao construir o enredo falando do seu próprio processo de elaboração.

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze the Lampião work in the Head, Luciana Sandroni (2010) from theoretical assumptions that cover biographical writing. Thus, by combining real events in the life of Lampião, aka Lampião with the fiction created around the character " Helena Marconi " Sandroni produces a light work , affordable and enjoyable read , but at the same time with technical quality and literary maturity. The work comprises the PNBE the acquis - National Library in School Program , 2013 Step II of the Elementary School.

KEYWORDS: Lampião. fiction. reality. metalanguage. character.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Celia Regina Delácio. Letramento literário no contexto escolar. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos (Orgs.).*Nas trilhas do letramento*: entre teoria, prática e formação docente. Campinas, SP: Mercado das Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.p. 321-348.

HOISEL, Evelina. Fronteiras Imaginadas. In: COUTINHO, Eduardo (Org.).*Os discursos sobre literatura:* algumas questões contemporâneas. RS: Aeroplano, 2001. p. 75- 77.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*: história, poesia, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 326 p.

MARTINS, Maria Helena (org). *Rumos da Crítica*. São Paulo: Editora SEMC, 2000. 136 p.

SANDRONI, Luciana. *Lampião na cabeça*. Ilustrações de André Neves. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010. 104 p.

SOUZA, Eneida Maria de. *A Biografia Um bem de arquivo.* In:Janelas Indiscretas. Ensaios de Crítica Biográfica. BH: Ed. UFMG, 2011. 261 p.

_____. *Crítica Cult*. BH: Ed. UFMG, 2007. 178 p.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. *A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault*. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/3042/2585> Acesso em 19 de maio de 2016.

LAMPIÃO. Lampião e seus cangaceiros degolados. Disponível em: <http://espacoeducar-liza.blogspot.com.br/2012/06/lampiao-e-seu-bando-morrem-degolados.html>Acesso em 19 de maio de 2016.

LOBATIANA. Obras produzidas por Monteiro Lobato. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/bibliografialobatiana/index2.html>. Acesso em 05 de dezembro de 2014.

MACACO. Frases de Lampião. Disponível em:

<http://www.frasesfamosas.com.br/frases-de/lampiao/>Acesso em 19 de maio de 2016.

MINHAS MEMÓRIAS DE LOBATO. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=14758&secao=espaco&request_locale=es> Acesso em 19 de maio de 2016.

PREMIO JABUTI. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=40054> Acesso em 19 de maio de 2016.

SANDRONI, Luciana. Sua relação com a obra de Lobato. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=628>. Acesso em 27 de maio de 2015.